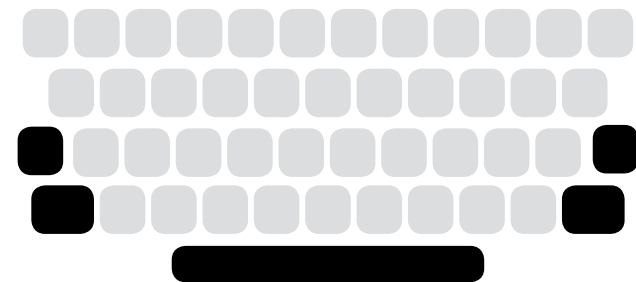




Trabalhos e paixões de
**fernando
assis
pacheco**

crónica biográfica



nuno costa santos

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXII

As referências bibliográficas em nota de rodapé encontram-se em versão abreviada. Para a versão completa, ver o capítulo das Fontes.

© 2012, Nuno Costa Santos
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Trabalhos e Paixões de
Fernando Assis Pacheco*
Autor: Nuno Costa Santos
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Távares

1.ª edição: Janeiro de 2012

ISBN: 978-989-671-109-2
Depósito Legal n.º 338524/12

índice

7	<i>Uma sorte daquelas</i>
11	O bebé papa-prémios
21	Um gajo porreiro. Ah, e melancólico
33	Uma história de amor
43	A guerra que não lhe saiu dos ossos
55	A profissão dominante
75	Cinco filhas e um filho
89	Bonita a valer
105	Os amigos verdadeiros
119	O senhor da Cornélia
129	Lugares, um dicionário
145	O prazer de existir
161	Um avô galego e outro em S. Tomé
175	Um pasmado sem cura
191	A morte não é o silêncio
203	Legendas
205	Fontes
211	Agradecimentos

uma sorte daquelas

Daqui a pouco entrego o livro à editora. É o fim de uma jornada que começou há uns anos (4?) com as primeiras conversas com Rogério Rodrigues acerca da ideia de escrever um trabalho biográfico sobre Fernando Assis Pacheco, escritor que aprendi a admirar pela poesia e pelo jornalismo. Hoje dou por mim a tratá-lo como os amigos o tratavam: por «Assis». Às vezes até já arrisco um «Fernando», tantas vezes ouvi Rosarinho referir-se a ele desta forma. Ou então João Rodrigues, amigo de todos os dias na última década e meia de vida.

O livro, apesar de não ser longo — até para respeitar o retratado, que não admitiria que se escrevesse um calhaço sobre a sua sempre auto-irónica figura —, demorou tempo a ganhar corpo, por motivos profissionais e pessoais. Há um ano achei que havia chegado a altura certa de escrever sobre Assis Pacheco de uma forma que pudesse estar em sintonia com aquilo que ele foi. Semana a semana, fui construindo um retrato possível desse homem e escritor que conheci melhor depois de ouvir amigos, familiares e companheiros de redacção e de ler os seus textos, sempre próximos da sua personalidade viva e múltipla.

Não sei se Assis Pacheco conhecia esta frase de Cioran (certamente, ele que passou uma vida a ler por paixão e por

causa das suas memoráveis colunas sobre livros): «É inacreditável que a perspectiva de vir a ter um biógrafo não tenha feito ninguém renunciar a ter uma vida.» A ideia de escrever «A Biografia de Assis Pacheco» sempre me pareceu demasiado épica e contranatura em relação aos estilos, o meu e sobretudo o dele. Daí o subtítulo «Crónica Biográfica», mais próximo daquilo que quis fazer: contar as várias dimensões de Assis Pacheco num estilo cronístico, apostado em visitar algumas das dimensões mais importantes de alguém que gramava andar por cá como poucos e que sabia que iria, com uma «saudade burra», dizer adeus a tudo isto.

Guardo boas memórias deste trabalho — como as visitas à Galiza dos seus antepassados, para conhecer a aldeia que recriou no romance cujo título inspira este livro, *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, e almoçar um «caldo gallego», «merluza cazuela» e «jarrete asado» num restaurante da sua predilecção, o San Miguel, em Ourense. Entre os momentos mais fortes estão aqueles em que pude respirar na cave da sua casa, na Travessa do Patrocínio, e abrir pastas e caixas com originais dos seus livros de poesia e cartas, primeiro acompanhado do seu filho João e depois sozinho, como quem se entrega ao milagre de poder explorar um pequeno tesouro.

Está aqui sobretudo o Assis luminoso — o Assis familiar, o Assis dos prazeres, o Assis sem fardas — mas também o Assis das truculências de ocasião. Recordo-me a propósito de outra figura, cujo rasto segui recentemente para uma peça de teatro: um tal de Jacques Brel. O mais provável é que a letra de «La Statue» (1962) tenha sido a forma que arranjou de pedir para nunca fazerem dele uma estátua, símbolo frio, morto e unívoco, distante das tonalidades contraditórias da

vida e da vidinha. Tem Assis na família e nos amigos pessoas que não o tratam como estátua. Uma sorte daquelas.

Venha daí a sua escrita viva e pícara, muita dela ainda por publicar, e o espírito de quem se empenhava de forma tão decisiva quer estivesse a escrever um romance ou a redigir um bilhete aos amigos, como o fez quando se retirou da convivência civil para se empenhar numa ficção mais longa. «O signatário é cada vez mais contra os chatos, mas esses não são amigos, podem ser, quando muito, conhecidos», fez questão de sublinhar. Que este livro não chateie ninguém e saiba celebrar Fernando Assis Pacheco.

NUNO COSTA SANTOS,
Calçada da Palma de Baixo,
8 de Janeiro de 2012

o bebé
papa-prémios





1 de Fevereiro de 1937. Veio ao mundo, para o provocar e descompor, Fernando Santiago Mendes de Assis Pacheco. Nascida num rés-do-chão da Rua Guerra Junqueiro, número 118, cidade de Coimbra, a criatura trazia, no projecto de homem que ainda era, duas geografias bem distintas e distantes inscritas no mapa familiar. O avô materno, Santiago Doallo Álvarez, era um galego da aldeia de Melias, Ourense. O paterno — também Fernando, também Assis, também Pacheco — havia sido, durante décadas, roceiro em Nova Olinda, São Tomé.

Ambos marcaram o petiz, mais tarde empenhado em refazer os roteiros familiares através da criação literária. As raízes galegas ficaram, sabemos-lo, consagradas no célebre *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, assumidamente banhado em ambiente camiliano. O romance sobre o avô de São Tomé começou a ser escrito mas, com a morte prematura de Assis Pacheco, ficou, pelo interesse da história (a revelar adiante), à espera de ser reinventado por outra mão da família.

Fernando foi o primeiro filho de Maria da Conceição Mendes de Assis Pacheco e José Maria Vieira de Assis Pacheco. O casal, «bonito e elegante», como é recordado, tendo

sido educado nos colégios antigos de Aveiro, conhecera-se e enamorara-se em Sangalhos (freguesia do concelho de Anadia), no ambiente dos bailes de província. José Maria, membro do Orfeão de Coimbra, além de músico, tinha a missão de actuar como mestre-de-cerimónias e, usando do seu sentido de humor, conquistou uma moça que levava para a festa um vestido encarnado.

O casal Assis Pacheco formou ao longo dos anos uma extensa família em Coimbra, muito marcada pelo pai de Maria da Conceição, dono de uma quinta com vista para o Mondego, onde se reunia toda a gente. Pode dizer-se que Fernando veio a tornar-se uma boa síntese dos progenitores: do pai, herdou o interesse pelos livros e o sentido de organização; da mãe, o sentido de humor, que a manteria cúmplice dos netos em brincadeiras várias até ao fim da vida. Rita, a filha mais velha, lembra-se desse lado lúdico dos avós paternos: «Deixavam-nos fazer tudo, desde mascarar a brincar às escondidas. E com a minha avó fazíamos partidas ao telefone.»

O pai de Assis era uma figura de cultura e interesses vários (escrevia peças de teatro, esteve por detrás de revistas como a *Circulação* e a *Calhabé* e foi uma das primeiras pessoas a terem um gira-discos em Coimbra), conciliando abertura de espírito e gosto pelas artes e pela paródia com o sentido de missão e disciplina de quem havia sido educado no Colégio Militar. «Tinha muitas regras», recorda Rita, mas era um apreciador de música, «gostava inclusive de ter sido maestro» e ensinou a neta a assobiar durante as viagens de carro. Licenciou-se em Medicina quando os filhos já eram nascidos e em 1939 foi como finalista no cortejo da Queima das Fitas acompanhado pelo filho Fernando. Durante o curso

tirado na Universidade de Coimbra, seguido da especialidade em Ginecologia/Obstetrícia, aplicou-se o suficiente para ter sido autor de várias sebatas para os alunos.

Médico obstetra, colega de Miguel Torga, a sua vida profissional distribuía-se entre o consultório que dividia com o marido da irmã da mulher e as consultas na Figueira da Foz, também conhecida, pela frequência das gentes coimbrãs, como «Coimbra B». É-lhe apontada a característica de «pai muito dedicado», extremamente paciente e humano com as mudanças de humor frequentes da mulher, assumindo muitas vezes, até pela circunstância de esta ser muito nova quando teve os filhos, a função de «pai e mãe».

O rapaz Fernando ocupava, no contexto das crianças da família, um posto relativamente indesejado: era «o mais velho» — o neto mais velho; o filho mais velho. Conseguiu, sem dificuldades, aguentar a pressão. Revelava competências cognitivas muito acima da média e mantinha uma agilidade mental invejável, manifestada sobretudo numa vocação precoce de leitor compulsivo. A 1 de Fevereiro de 1938 viu nascer a sua irmã, Maria Manuela Strecht Ribeiro («Nené», para a família), mais tarde pianista e professora de piano, invocada num poema triste sobre um amigo morto num desastre de automóvel: «Mas hoje ouvindo minha irmã tocar/ reparo como são frias e excessivas,/ como são desapiedadas certas mortes» («Elegia, Aproveitando Bach», *Cuidar dos Vivos*, 1963). É ela que se recorda do próprio «com quatro, cinco anos, a ler e a escrever».

O casal Assis Pacheco ainda tentou ter um terceiro filho, mas a gravidez não foi bem-sucedida. Ao acontecimento, naturalmente traumático, seguiu-se a entrada na família de uma criança austríaca que veio para Portugal como

refugiada da Segunda Guerra Mundial e depois regressou a casa. Segundo rezam as crónicas, o rapazinho Assis, habituado a dividir o estrelato e o conflito com a irmã, sentiu alguns ciúmes da rapariga, cultivando o hábito de lhe dar caneladas quando a encontrava no corredor. Nada de grave, não. Muito mais tarde, numa visita de trabalho à Áustria, reencontrou-a por acaso e falaram.

A sua prima direita, Ana Maria Porto, filha de uma irmã do pai, lembra Assis como «um prodigioso», com uma capacidade intelectual extraordinária e uma belíssima memória — «sabia os nomes dos rios e das capitais todas da Europa e do mundo» — e atribui isso ao facto de o seu tio, pai de Assis, alimentar uma forte «preocupação cultural». Deixou de contactar tanto com o primo a partir dos anos liceais, o que não impediu que Assis tivesse pedido à prima para lhe trazer de Paris «uns livros proibidos». Luz Maia, irmã da sua mãe, que o ajudou na aprendizagem da leitura (foi criado na mesma quinta onde habitavam os tios, Luz e António, que viviam no extremo oposto da quinta), recorda uma «supercriança pouco dada a banalidades, como histórias de adultos». Aprendeu a ler e a escrever em casa, com o apoio da tia, na altura solteira, que, quando chegava do colégio das freiras, andava com o rapaz, levava-o «para as termas, para a praia, para todo o lado». «Ele era só livros, livros, livros», diz. Mais tarde, quando cumpriu os primeiros anos escolares, comunicou que havia passado com distinção, e o tio, médico com vocação reconhecida de fotógrafo, resolveu premiá-lo desta forma: «Vai lá abaixo à livraria para comprares cem livros! O tio paga.» Foi por esta razão que passou a sublinhar o gesto de gratidão nas entrevistas: «O meu tio alfabetizou-me.»

No seu primeiro livro, *Cuidar dos Vivos*, Fernando Assis Pacheco abre a cortina para um certo ambiente da sua infância: «Mastigo esta solidão/ como quando era pequeno e jantava/ diante dos pais zangados:/ devagar, ausente» («Tentas, de Longe»). E no poema «Um Tal Fernando Assis Pacheco», incluído em *Respiração Assistida*, o seu último volume poético, diz que «adorava os pais mas tinha medo/ quando zangados se punham aos gritos/ e se chamavam nomes odiosos». A verdade é que não é essa a imagem mais frequente que se tem dele em pequeno e do ambiente em que cresceu. Foi numa infância essencialmente feliz e muito mimada, sobretudo pelas mulheres da família, das tias às empregadas, que Fernando Assis Pacheco começou a revelar a vivacidade de espírito, uma das marcas mais reconhecíveis do seu carácter. Sim, Fernando foi rapazola vivo — e viçoso. Tão viçoso que, com alguns meses de idade, ganhou, imagine-se, o 1.º prémio da Farinha Lacto-Búlgara, o correspondente da altura aos troféus das actuais revistas para a família. Porquê? Não vale rir, passámos pelo mesmo: «Pela sua beleza e robustez física.»

As férias são passadas entre os seguintes poisos: Figueira da Foz, Quinta de Santo António da Copeira, Tramagal, Sangalhos, Monte Real e Barra de Aveiro. No ano de 1942 separa-se da irmã: Nené vai para o Liceu D. João III (de freiras) e Fernando Assis Pacheco entra para um dos melhores colégios de Coimbra: o Colégio Português, na Avenida Sá da Bandeira, dirigido pela pedagoga Maria do Patrocínio e «vigiado pela D. Rosária Bigodes». No Colégio Português foi sempre o melhor aluno, além de recitar e escrever os seus primeiros poemas. A educação religiosa, mais tarde não levada à prática em termos canónicos, adquiriu-a no Centro da Academia da Democracia Cristã.

Diz a cronologia que em 1945 foi pedida autorização especial ao Ministério da Educação para fazer os exames da quarta classe e admissão ao liceu, recusada por não ter idade suficiente. Fez então os testes do Colégio Militar, onde não entrou por precisar de usar óculos — um desgosto para o seu pai, antigo «menino da Luz». No ano seguinte foi matriculado no Liceu D. João III, em Coimbra, vivendo nessa altura na Rua Antero de Quental, próximo do Parque de Santa Cruz e do velho campo da Académica. Na manhã do 1.º de Dezembro desfilou fardado da Mocidade Portuguesa e adoeceu gravemente — dada a ausência do pai, o médico Adolfo Rocha (Miguel Torga), colega de consultório de José Maria Assis Pacheco, diagnosticou-lhe uma broncopneumonia.

Acabaram-se as marchas.

Definem-no como uma pessoa dada ao verbo — não só na escrita. «Falava com toda a gente», conta Maria Manuela. «Na Figueira da Foz, durante as férias de Verão, assumiu-se aos três, quatro anos como o grande animador da praia», pondo toda a gente a rir com as suas improvisações. «Fazíamos espectáculos na areia e o Fernando era o grande impulsor. Ficávamos todos em círculo, a assistir àquela paródia toda.»

Os dois irmãos, apesar das diferenças de estilo, tornaram-se cúmplices numa mocidade recordada como harmoniosa e feliz. Até nas vestes: «Nós andávamos de igual — nos fatos e nos chapéus.» A diferença entre os dois estava numa característica que se manteve na idade adulta: Fernando era mais do género subversivo, ao contrário da irmã, mais clássica e comedida. «Nas fotografias aparecia sem-

pre a fazer caretas», lembra-se, sorrindo, Maria Manuela. Outras rebeldias do garoto passavam por manias de que é tomada muita da rapaziada e que têm unido gerações, como as de não querer lavar os dentes e tomar banho.

Sempre se mostrou igualmente uma pessoa pouco dada a convencionalismos na vestimenta. Detestava usar os fatos a que era obrigado em certas circunstâncias — como, de resto, continuou a acontecer mais tarde. À escolha das fatiotas importantes preferia o coleccionismo das pequenas coisas. Maria Manuela lembra-se de os dois arrancarem botões dos calções para a colecção do irmão e para os jogos de futebol realizados em cima da sua secretária azul.

Aquele que, na idade adulta, se classificou a si próprio como «um rapaz dos jornais», com seis, sete anos, planeou e redigiu o jornal *O Micróbio*, «um jornal grátis, de exemplar único», feito nas folhinhas das agendas que o pai recebia como médico, que trazia sempre «uma crónica, uma anedota ou duas, noticiário desportivo e coisas sortidas»*. Mas Assis Pacheco não era apenas um projecto de cidadão de perfil intelectual. Também exercia — e de forma bem evidente — o seu lado mundano. As paixões intelectuais, como a literatura e o jornalismo, foram sempre compensadas por tiros aos pássaros com uma pressão de ar e pelo gosto imoderado por bola. A «loucura do futebol» foi, para citar o poeta, uma constante da vida. Nas viagens entre Coimbra e Lisboa tinha o hábito de transformar de improviso os nomes das placas em jogadores de futebol. «Nós chorávamos a rir», lembra Maria Manuela.

«Foi arranjanjo uns amigos para jogar à bola nos terrenos em frente de casa», conta a irmã. Não começou com

* «Sou um Poeta Tardio».

um esférico sofisticado — a sua primeira bola eram uns «velhos farrapos». O ambiente futebolístico da sua infância ficou consagrado nesse hino à juventude que é o livro *Memórias de Um Craque*, recolha de artigos escritos para o *Record*, a convite de Mário Zambujal, entre Abril e Novembro de 1972, que se inaugura com um parágrafo esclarecedor sobre o tom que utiliza: «O Eusébio marca livres de trinta metros, o Artur Jorge chuta em moinho, o Dinis faz fintas à bandeirola de canto, MAS EU FUI O MAIOR CRAQUE DA RUA GUERRA JUNQUEIRO E ESTÁ PARA NASCER UM SUCESSOR DIGNO DESSE TÍTULO.»

Foram «dias de ternura desportiva», feitos de campeonatos de botões e tostões, rasteiras, nódoas negras («autógrafos»), desportivos termos em inglês, muitos pontapés na chinha e alguns tiros aos gatos. O estilo está lá todo: Assis Pacheco revelava-se no essencial o mesmo, quer invocasse a musa irregular ou trouxesse à memória uma confraria de «jogadores made in retrosaria». Em Janeiro de 1954 entrou para os infantis da Académica, onde passou a treinar, entre outros, com os poetas José Ferraz Diogo e Manuel Alegre. Não se sabe quem era o último a ir à baliza.

um gajo porreiro.
ah, e melancólico



agradecimentos

Antes de mais ao Rogério Rodrigues, por me ter aberto as portas para o «universo Assis Pacheco» — primeiro através de um dossiê com importante documentação, depois fazendo a ligação à família e, mais tarde, espreitando a primeira parte do livro, o que me incentivou a continuar no mesmo registo. Um agradecimento maior à Rosarinho e aos filhos, por todas as conversas e pela confiança depositada no acesso ao arquivo da família, e também aos familiares, amigos, companheiros de redacção e críticos que aceitaram contribuir com depoimentos. Outro à Rita Cavaglià, que me ajudou a organizar o trabalho numa altura em que o tempo era pouco, fazendo marcações e transcrições de entrevistas. Outro ainda à Ana Matos Pires e à Maria João Pires, pelo bom apoio e as trocas de ideias sobre o projecto. Outro ainda ao meu querido amigo Pedro Beça Múrias, com quem muito falei sobre a fraternal relação que o pai dele e o Assis tiveram. Outro ainda à equipa da tinta-da-china: a Bárbara Bulhosa, por ter acreditado na ideia, a Inês Hugon, pelas sugestões para mudanças e acrescentos, a Vera Tavares, pelo belo teclado pachequiano — e também à Madalena Alfaia e ao João Mota, decisivos em todo o processo. Outro ainda aos meus pais e aos

amigos que me foram sempre perguntando pelo andamento do livro. E outro ainda, importantíssimo, ao Miguel Esteves Cardoso, por, num gesto de larga generosidade, o ter lido antes da publicação e se ter entusiasmado com o tom e com a possibilidade de fazer reviver o Assis.

E um obrigado íntimo e demorado à Rosa (Martins), pela ajuda, paciência e cumplicidade em duas fases decisivas do trabalho: a da escrita e a da revisão.





Trabalhos e Paixões
de Fernando Assis
Pacheco foi composto
em caracteres Hoefler
Text e impresso pela
Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book
de 80 g, numa tiragem
de 1500 exemplares,
no mês de Janeiro
de 2012.

